

## **Homem de Deus quanto à idade e à raça: um olhar da análise do discurso para um artigo de publicação religiosa**

*Man of god as to age and  
the race: a discourse  
analysis panoram to a  
religious publishing article*

Bárbara Amaral DA SILVA (UFMG)  
*barbara.amaral87@gmail.com*  
Juliana Silva SANTOS (UFMG)  
*juliana\_santos2@yahoo.com.br*

DA SILVA, Bárbara Amaral; SANTOS, Juliana Silva. Homem de Deus quanto à idade e à raça: um olhar da análise do discurso para um artigo de publicação religiosa. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 281-302, jan./jun. 2017.

**Resumo:** A religião assumiu e ainda assume diversos posicionamentos quanto ao modo de se comportar das pessoas. Levando isso em consideração, este texto tem como desafio analisar um artigo religioso escrito pelo bispo Edir Macedo intitulado “Homem de Deus quanto à idade e à raça”, publicado na sessão de comportamento do *site* da Igreja. Nesse sentido, serão exploradas questões colocadas no artigo como sendo o comportamento ideal que um “homem de Deus” deveria adotar no momento da escolha de uma esposa. Para tanto, serão levados em conta as duas categorias elencadas no próprio texto de Macedo: a idade e a raça. Com este trabalho, objetivou-se questionar o papel de uma instituição religiosa frente às diferenças colocadas e historicamente perpetuadas entre homens e mulheres e entre brancos e negros, de forma a verificar como esta desigualdade é mantida e naturalizada pelo discurso. Para a análise, foram levadas em conta, principalmente, as teorias da Análise do Discurso de linha francesa, compreendendo as noções de ideologia e memória discursiva, a partir de Michel Pêcheux (1975), além de contribuições da Sociologia dos Campos a partir dos conceitos de violência

simbólica e de *habitus*, de Pierre Bourdieu (2003). A partir da breve análise realizada, foi possível traçar considerações sobre o papel da Igreja como Aparelho Ideológico do Estado, como postula Louis Althusser (1996).

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Raça. Gênero.

**Abstract:** Religion has been teaching people throughout history various ways of how to behave. Taking this into consideration, this paper carries the challenge to analyze a religious article written by the Bishop Edir Macedo entitled “Homem de Deus quanto à idade e à raça” published in the behavior section of the Church’s website. In this sense, some ideas of Macedo’s article will be explored in this paper as being the ideal behavior that a “man of God” should adopt when choosing a wife. To do so, we will take into category of analysis two elements listed in Macedo’s own text: age and race. The purpose of this study was to question the role of a religious institution regarding differences historically perpetuated between men and women and between whites and blacks, in order to verify how this inequality is maintained and naturalized by discourse. To perform the analysis, the theories of Discourse Analysis of the French line were taken into account including the notions of ideology and discursive memory, from Michel Pêcheux (1997). Besides, the contributions of the Sociology of the Fields were considered, mainly the concepts of symbolic violence and *habitus*, developed by Pierre Bourdieu (2003). From the brief analysis carried out in this paper, it was possible to make considerations about a Church’s role as an Ideological Apparatus of the State, as postulated by Louis Althusser (1996).

**Keywords:** Discourse analysis. Race. Gender.

## Introdução

No decurso de sua existência, a religião assumiu e ainda assume diversos posicionamentos quanto ao modo de se comportar, de falar e de viver das pessoas, engendrando uma problemática antiga sobre a relação entre Igreja e poder. Cientes da força dos discursos religiosos, força esta verificada, para exemplificar, nas eternas “guerras santas”, e na mudança de credos constatada no campo religioso brasileiro, já que a então predominância católica começa a perder força frente uma população evangélica crescente, é necessário pensarmos o discurso religioso por um viés atual. Ademais, a crise verificada nas igrejas tradicionais, como a católica e a protestante, ocasionada por corrupções deflagradas e abusos sexuais assumidos, além da interferência da instituição em questões controversas, como o casamento homoafetivo e o aborto, trazem a necessidade do estudo do discurso religioso. Somamos a esse fato a necessidade de se pensar o papel da religião enquanto instituição no que diz respeito ao combate ao racismo na contemporaneidade, uma vez que os negros e as negras que foram escravizados foram obrigados a deixar de lado sua religião para assumirem um projeto cristão-europeu. Nesse contexto, salvo raras exceções, a igreja foi conivente com a escravidão, dado que utilizou da mão de obra dos escravizados

e sustentou bases ideológicas para a justificação do modelo escravista.

A partir do exposto, este texto tem como desafio analisar um artigo religioso escrito pelo bispo Edir Macedo intitulado “Homem de Deus quanto à idade e à raça”, publicado na sessão de comportamento do site da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)<sup>1</sup>, quanto ao comportamento que um “homem de Deus” deveria adotar no momento da escolha de uma esposa, levando-se em conta dois aspectos elencados no artigo de Macedo: a idade e a raça. Com este trabalho, objetivamos debater alguns elementos historicamente legitimados que ainda ecoam discursivamente na atual desigualdade entre homens e mulheres e na permanência do racismo. Desigualdades estas que têm favorecido o sexo masculino e o patriarcalismo, como já apontava Jules Michelet (1993) em sua polêmica obra *A Feiticeira*, a qual retrata a maneira desumana como eram tratadas as mulheres que se recusavam a seguir as pregações religiosas na Idade Média, de forma que não há meio de se escrever a história dessas mulheres “sem que o coração fique inflado, sem que o papel e a pena gemam de indignação”. (MICHELET, 1993, p. 92).

Da mesma forma, ainda é nosso objetivo problematizar a desigualdade entre brancos e negros repassada ao longo da história e que tem encontrado vias de reforço no discurso religioso institucional. As heranças da escravização legaram aos seguidores de cultos cristãos europeus a ideia de demonização das manifestações religiosas vinculadas à cultura africana, fato que pode ser verificado mesmo em dias atuais, quando terreiros de candomblés foram atacados em cidades brasileiras, como ocorrido no Rio de Janeiro<sup>2</sup>. Sendo assim, apontaremos alguns elementos discursivos que deflagrem a dominação de um grupo sobre o outro, verificando como estas desigualdades (de gênero e raça) são mantidas e naturalizadas por uma vertente do discurso religioso que aqui nos faz de *corpus*. Dessa forma, o estudo que propomos significa, de algum modo, problematizar o silêncio em que as mulheres, e ainda, especificamente as mulheres negras, foram relegadas ao longo da história brasileira, além de favorecer o entendimento do discurso religioso enquanto Aparelho Ideológico de Estado (ALTHUSSER, 1996).

1 O artigo completo está disponível no site < <http://noticias.gospelmais.com.br> > (acesso em: 8 jan. 2017) e se encontra como Anexo no final deste trabalho. É necessário enfatizar que o artigo foi removido do site oficial da IURD, o que parece ser devido às intensas críticas que foram direcionadas a ele desde a sua publicação

2 O link a seguir fornece maiores informações sobre o ataque a terreiros de candomblé no Rio de Janeiro:< <http://noticias.band.uol.com.br/jornaldaband/videos/2014/08/01/15145318-terreiros-de-candomble-sao-atacados-no-rio.html> >. Acesso em 8 jan. 2017.

A escolha do artigo como *corpus* se deu, ainda, pelo constante crescimento do número do segmento religioso evangélico verificado pelo censo de 2010.<sup>3</sup> Segundo esse estudo, os denominados evangélicos compunham 15,4% da população no ano 2000 e em 2010 passaram a representar 22,2% da população brasileira. A mesma pesquisa ainda salientou que “dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal [grupo que integra os fiéis da IURD], 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados”. Levando-se em conta os números apresentados, seria faltoso ignorar a importância desse discurso nas relações cotidianas dos sujeitos.

Outro fator importante para a escolha desse *corpus* diz respeito ao crescente número de denúncias contra posturas racistas, dado o maior conhecimento da população negra acerca de seus direitos fundamentais e a formação de redes de apoio, notadamente no período após o ano de 2001, quando o governo brasileiro se comprometeu com a criação de políticas contra a desigualdade racial. Esse comprometimento, ainda que tímido, se deu com a participação brasileira em uma conferência promovida pela Organização das Nações Unidas – ONU, em Durban, na África do Sul, que favoreceu a pressão de movimentos sociais sobre o governo brasileiro para a validação de direitos fundamentais da população negra. O estatuto da igualdade racial (Lei Nº 12.288/10) e a implementação da Lei de cotas nas universidades, entre os anos de 2002 e 2012 (LEI Nº12.711/2012) são importantes medidas para o combate ao racismo. No caso de populares evangélicos, podemos citar o manifesto “Superação do Racismo e a Intolerância religiosa”, de 2008, assinado por diversos movimentos sociais evangélicos, como a Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao Racismo, a Aliança de Negros e Negras Evangélicos Brasileiros e o Fórum de Lideranças Negras Evangélicas.

No *site* Geledés – Instituto da Mulher Negra<sup>4</sup>, encontramos a informação de que foi ainda no período da escravidão que chegaram ao Brasil os primeiros protestantes, um grupo formado principalmente por defensores da escravidão. Nesse sentido, conhecer o passado da Igreja Protestante no Brasil pode auxiliar no entendimento da relação entre a população negra e a Igreja Evangélica Brasileira.

Após a apresentação desses dados, ainda é necessário esclarecer

3 < <http://censo2010.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 5 jan. 2017.

4 Para maiores informações, cf. < <http://www.geledes.org.br/> >. Acesso em: 12 nov. 2016.

que o estudo desenvolvido terá como base as teorias da Análise do Discurso de primeira fase (AD). A AD como ferramenta teórica se faz relevante dado o seu caráter interdisciplinar relacionando aspectos linguísticos, discursivos e sociais. Nas trilhas de Orlandi (2013), esse trabalho foi desenvolvido “em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam” (p.16). Dessa forma, nossa perspectiva de análise “coloca questões para a Linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam” (ORLANDI, 2013, p. 16). Nesse contexto, esse artigo se assenta em conceitos tais como os de *Ideologia, Memória Discursiva e Aparelhos Ideológicos do Estado*, os quais cremos ser relevantes para a pesquisa. Antes de apresentarmos esses conceitos, na seção que se segue, apresentaremos brevemente o contexto de formação da IURD no âmbito do neopentecolismo.

### **Transformações no campo religioso: o surgimento de uma nova religião**

O catolicismo foi a religião oficial do Brasil até a Constituição Republicana de 1891, que instituiu o Estado laico. Ainda assim, o país se manteve de maioria católico-romana, realidade que tem se modificado como apontou o Censo de 2010. Nesse contexto, desde a tomada do Brasil pelos europeus, até o século XIX, foram reprimidas todas as outras formas de manifestações religiosas diferentes do catolicismo, tais como as religiões de matriz africana, as indígenas, a espírita, as protestantes etc. Pierre Bourdieu nos aponta uma ideia importante sobre mudanças no campo religioso ao retomar Ernst Troeltsch:

[...] em cada formação social e em cada época, toda a visão do mundo e todos os dogmas cristãos dependem das condições sociais características dos diferentes grupos ou classes, na medida em que devem adaptar-se a estas condições para manejá-las. (BOURDIEU, 2011, p.52).

A partir do trecho, é possível admitir que uma mudança social seria responsável também por mudanças no campo religioso. Sabendo que o fim do século XIX foi o período de transição da modernidade para a pós-modernidade, é fácil conjecturar a relação desse fato com a mudança religiosa ocorrida no mesmo período. Não é desconhecido que a modernidade operou grandes modificações nas comunidades

mundiais, principalmente naquilo que diz respeito ao desenvolvimento de tecnologias e do capitalismo. Entretanto, esses mesmos avanços reforçaram aspectos sociais negativos, tais como a queda na qualidade dos produtos, uma vez que a quantidade vale mais que a qualidade; a busca incessante pelo lucro e a exploração de classe e raça, para exemplificar. Sendo assim, é na pós-modernidade que o indivíduo enfrenta diversos paradoxos advindos do chamado “mal pós-moderno”: o duradouro cede lugar ao efêmero, a riqueza extrema e a pobreza extrema dividem o mesmo espaço social, o individualismo irrompe e o pensamento no bem coletivo quase desaparece.

Nessa conjuntura, o campo religioso é profundamente alterado. A partir dos anos de 1900 o pentecostalismo<sup>5</sup> começa a dar sinais de sua existência e, devido ao surgimento de diversos ramos desta religião, em meados de 1970, aparece o movimento neopentecostal. Ferrari (2007) aponta algumas diferenças deste movimento religioso para aquele, dentre as quais estariam uma diminuição da valorização da Bíblia e uma supervalorização da Teologia da Prosperidade<sup>6</sup>. Vemos, então, que a IURD faz parte desse referido movimento neopentecostal, sendo liderada por Edir Macedo, autor do texto que iremos analisar. Em 1975, um grupo formado por Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes e Samuel e Fidelis Coutinho se uniu para fundar a Igreja Cruzada do Caminho Eterno. Entretanto, em 1977, os irmãos Coutinho deixaram a instituição, e o restante dos membros fundou a IURD. Posteriormente, foi a vez de Romildo Soares deixar a instituição, sendo seguido, em 1987, por Roberto Augusto Lopes. Sendo assim, o bispo Edir Macedo se tornou o único líder da IURD, realidade que permanece até os dias de hoje.

5 “Pentecostais – Aparecem como movimento religioso surgido nos EUA em 1901, após dois séculos de avivamento espiritual e movimentos de santidade, a partir de grupos de origens Protestantes e dos Metodistas. Afirmam dar nova interpretação à fé cristã. Colocam forte ênfase nos dons do Espírito Santo, curas, comunicação em línguas (glossolalia), exorcismos, rigidez moral e leitura dogmática e fundamentalista da Bíblia. Formam nova fisionomia doutrinal e institucional na caminhada histórica da Reforma Luterana, gerando um ‘Protestantismo de Conversão’ ou uma ‘Religião do Espírito’ ” (FERRARI, 2007, p. 84. Nota 15).

6 “A Teologia da Prosperidade em sua sistematização liga a fruição dos bens materiais e dos prazeres no viver da espiritualidade, tornando-se a base ideológica do Neopentecostalismo. Tem como pregação básica o incentivo a que os crentes sejam bons colaboradores na obra divina, através do sacrifício financeiro (dízimo e ofertas) sob a mediação da igreja. Ao colaborar, o crente torna-se merecedor das bênçãos divinas neste mundo e nesta vida, tendo Cristo como baluarte no alcance da vitória sobre o inimigo, o diabo. Este é a personificação do mal, o destruidor do destino próspero e do bem-estar (saúde, alegria e riquezas) que Deus reserva aos que forem fiéis.”(FERRARI, 2007, p. 89-91).

A Igreja Universal possui uma série de características que contribuem para o seu constante crescimento. Nesse texto, apresentaremos apenas aquela que se relaciona mais fortemente com o pensamento pós-moderno: o trinômio exorcismo-cura-prosperidade. Em seus cultos, a IURD se utiliza fortemente de figuras de diabo, bem como dos chamados encostos, assombrações etc., figuras estas, segundo a igreja, responsáveis pela presença de todo o mal encontrado na vida dos cidadãos, tais como: desemprego, doenças, pobreza. Segundo a instituição, para se livrar de todos esses males, o fiel deve passar pelo ritual do exorcismo, o qual é realizado por pastores, bispos e obreiros. Santo (2002, p. 254) narra detalhadamente esse momento:

O pastor vai subindo de tom. A assembleia responde. O ambiente aquece. A emoção colectiva (sic) vai em *crescendo* para uma tensão culminante; qualquer observador sente que a atmosfera se adensa e electriza (sic) como o ar atmosférico que precede a trovoadas. [...] A emoção atinge o clímax: o Espírito 'cai' sobre a assembleia; isto é, os indivíduos, no início fundidos num todo comunitário, transtornam-se: explodem em gritos, tremores e transe (rupturas da consciência) numa tal confusão que só a muito custo é possível entender o que diz o vizinho. [...] A assembleia desintegrou-se e virou numa imensa confusão. Depois, à ordem do líder e com uma mudança na música, a assembleia, com os ânimos ainda transtornados, regressa progressivamente ao ambiente calmo com, eventualmente, algumas resistências que serão tomadas em mão pelo pastor. Pratica-se então a imposição das mãos para a expulsão dos 'maus espíritos' e dos 'embruxamentos' (que diríamos serem maus humores, paranoias, pavores, etc.) (Grifo do autor).

Após esse ritual, o fiel deve, segundo a Teologia da Prosperidade, doar não apenas o valor do dízimo, mas também tudo de material que puder. Somente assim a prosperidade será alcançada, a qual diz respeito à conquista de um bom emprego, de um bom relacionamento amoroso, e, principalmente, de dinheiro. Com essa justificativa, as pessoas doam carros, roupas, dinheiro e, em alguns casos, fornecem a senha de seu cartão de crédito.

Em um mundo capitalista em que o imediatismo é extremamente valorizado, a Teologia da Prosperidade, configura-se como uma estratégia eficaz para a atração de fiéis. Isso porque no mundo pós-moderno, os indivíduos clamam pelo lucro e pela riqueza material, o que, teoricamente, seria conquistado facilmente por qualquer um que seguisse os preceitos religiosos apresentados. Ao contrário da Igreja Católica, que prega o sofrimento terreno e o paraíso pós-morte, a Igreja Universal prega o paraíso terrestre imediato. Caso o fiel não obtenha o

que deseja, a instituição credita isso a doações baixas, o que faz com que as pessoas doem cada vez mais.

Dentre as características da Igreja Universal que justificam seu enorme crescimento ainda poderíamos citar o investimento em diversas mídias (televisão, rádio, internet, livros), a inserção de pastores na política brasileira, a linguagem de fácil compreensão, dentre outros elementos. Antes de procedermos à análise, vejamos os principais aspectos teóricos que permearão a análise.

### **Ideologia, memória discursiva e aparelhos ideológicos de estado**

Para a análise do artigo do Bispo Edir Macedo, intitulado “Homem de Deus quanto à idade e à raça”, importa considerar que falar de relações de raça e gênero nos diversos contextos de atuação humana, dentre os quais se encontram as instituições religiosas, é também falar de discurso. Nesse contexto, relembremos Bakhtin (2004) para quem a palavra é intrinsecamente ideológica e vista como um produto de interações sociais das quais submergem diferentes vozes. Dessa forma, a linguagem enquanto discurso não deve ser vista como mero instrumento de comunicação, mas como um modo de interação que não é neutro, como veículo de manifestação ideológica. Tal concepção de discurso, em que posicionamentos ideológicos não podem ser ignorados, vai ao encontro do que postulou Pêcheux (1997) sobre o assujeitamento do sujeito. Para o filósofo, o sujeito seria portador da impressão de que é fonte de suas ações, sendo, portanto, histórico e cuja fala carregaria um recorte de representações de si e do outro a quem ele se dirige. Para Pêcheux seria nessa interação que o sujeito se faria completo:

O sentido de uma palavra, expressão, proposição, não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 1997, p.144).

Daí uma noção de sujeito histórico e ideológico, de fala recortada por representações temporais. Todavia, Orlandi (1988 *apud* BRANDÃO, 2007) ressalta que esse espaço de construção do sujeito é contraditório: o sujeito ao mesmo tempo em que é assujeitado, interpelado pela ideologia, ocupa um lugar que é primeiramente seu na formação discursiva que o determina: “Cada sujeito é assujeitado no universal como singular ‘insubstituível’” (PÊCHEUX, 1997, p.156). É a partir da identificação

do sujeito com a formação discursiva que o domina que Pêcheux cria a noção de “forma-sujeito”, ou seja, o sujeito afetado pela ideologia. Brandão (2007) acrescenta ainda que o discursivo pertence ao gênero ideológico, o que faz com que a formação ideológica se interligue a uma ou várias formações discursivas. Tais formações dizem respeito a “aquilo que pode e deve ser dito” a partir de uma dada conjuntura (BRANDÃO, 2007). A noção de formação discursiva, então, permite que sujeitos situados em um dado contexto histórico concordem ou não sobre os sentidos de um discurso.

Outro conceito importante para a Análise do Discurso e que pode auxiliar fortemente no entendimento do nosso *corpus* é a noção de interdiscurso, ou ainda, memória discursiva. Segundo Brandão (2007), toda formação discursiva se associa a uma memória discursiva; é também pela memória discursiva que se torna possível fazer circular formulações já enunciadas. Dessa forma, a memória quando pensada em relação ao discurso se remete a uma situação que “fala antes”, o “pré-construído”. Assim, a escolha por determinados enunciados pertence a formações discursivas já estabelecidas historicamente, o que faz com que os sentidos provenientes dos enunciados estejam ligados à maneira como foram inscritos na língua e na história, significando segundo um local de pertencimento. Pela noção de memória discursiva, remetemo-nos novamente a Bakhtin e a seu conceito de polifonia, em oposição à noção de um discurso que se quer ou que se mostra monológico. Para Orlandi (2013), as noções de interdiscurso, de ideologia e de formação discursiva se relacionam com o não dito.

A partir do exposto, importa relembrar Althusser (1996), em sua obra *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Segundo o autor, a classe dominante gera mecanismos de reprodução e perpetuação de condições ideológicas e políticas de exploração. As classes dominantes, então, possuem dois polos que mecanizam a perpetuação das estruturas de dominação, a saber: os Aparelhos Repressores de Estado (ARE) e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

O primeiro polo, que se caracteriza como Aparelhos Repressores de Estado, ARE, engloba o governo, o exército, a polícia, os tribunais, a administração etc. O segundo polo, os AIE, são os Aparelhos Ideológicos de Estado e se traduzem na figura institucional da escola, religião, cultura ou informação (ALTHUSSER, 1996). Dessa forma,

[...] para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições

materiais, ideológicas e políticas de exploração. É aí então que entra o papel do Estado que, através de seus Aparelhos Repressores – ARE – (compreendendo o governo, a administração, o Exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc.) e Aparelhos Ideológicos – AIE – (compreendendo instituições tais como: a religião, a escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação), intervém ou pela repressão ou pela ideologia, tentando forçar a classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração. (BRANDÃO, 2007, p. 23).

Nesse contexto, o reconhecimento e a identificação dos fiéis com as palavras trazidas no artigo em análise acontecem quando o sujeito insere a si mesmo e suas ações no contexto dos aparelhos ideológicos, em que se encontra a IURD: O AIE religioso (o sistema das diferentes igrejas) (ALTHUSSER, 1996, p. 43). Na condição de aparelho ideológico, a Igreja enquanto instituição “atenua” ou “obscurece” o processo histórico que inferioriza negros e mulheres, de modo que as representações ali conformadas se encontrem dentro de uma determinada ordem. Essa ordem, como característica dos AIE, é muitas vezes atingida através do uso de elementos que estão disponíveis na cultura. Dessa maneira, o questionamento de estrutura religiosa, em que o pastor assume a posição daquele que fala em nome do próprio Deus, no caso da instituição protestante, poderia parecer inadequado ou uma heresia, dado que a Igreja, como AIE, estaria na posição de levar os sujeitos ao encontro com o divino, aparentemente despida de qualquer interesse político ou ideológico. Pechêux (1975, *apud* BRANDÃO, 2007) explicita a relação ideológica do discurso em relação a palavras, expressões e proposições, segundo a posição sustentada por quem às emprega:

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas, (isto é, reproduzidas) (PECHÊUX, 1975, p. 144 *apud* BRANDÃO, 2007, p. 77).

Nesse sentido, pela figura do pastor, a crença dos sujeitos se materializa, pois, como consta no site da Igreja Universal, na seção *que cremos*, “a Universal fundamenta a sua fé e crença exclusivamente na Palavra de Deus, na Bíblia Sagrada”<sup>7</sup>. Essa ideia vai ao encontro do que aponta Ricoeur<sup>8</sup> (1977 *apud* BRANDÃO, 2007) sobre a função

7 Disponível em: <<http://www.universal.org/institucional/>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

8 Ricoeur, P. *Interpretação e ideologias*. Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

de dominação que a ideologia exerce. Nesse sentido, toda autoridade procuraria legitimar-se segundo seus sistemas políticos, o que torna necessária a crença, por parte dos sujeitos, de que tal legitimidade seja real. Para o autor, portanto, a questão da autoridade tem na ideologia um sistema justificador da dominação.

A partir do exposto, passemos então para algumas breves considerações acerca do texto: “Homem de Deus quanto à idade e à raça”.

### **O homem de deus quanto à idade e à raça: breves considerações**

A começar pela estrutura, o texto do Bispo Edir Macedo apresenta uma lógica didática, que remete às pregações comuns em cultos evangélicos. De curta extensão e vocabulário simples, o artigo exibe uma breve introdução em que o locutor especifica o seu interlocutor, podendo criar uma relação mais direta e afetiva: o sujeito do sexo masculino, demonstrado pelo substantivo “rapaz”. Não se trata, entretanto, de qualquer rapaz, mas sim do “rapaz que deseja fazer a obra de Deus”. Nessa primeira parte, como também em todo texto, o interlocutor tenta demonstrar a mulher com que o referido homem de Deus não deveria se casar e enumera suas razões para isso. Assim, poderíamos falar em uma determinada *experiência dóxica*, ou seja, aquela que “nos inclina tomar o mundo como dado” (BOURDIEU, 2003, p.18). Nesse sentido, vemos serem atribuídos determinados papéis sociais às figuras feminina e masculina, a partir de alguns trechos, como demonstramos nos exemplos a seguir:

[...] Muitas pessoas não gostam quando fazemos estas colocações; entretanto, temos visto que quando a mulher tem idade superior à do seu marido, ela, que por natureza já tem o instinto de ser “mandona”, acaba por se colocar no lugar da mãe do marido. (2º parágrafo).

[...] E o pior não é isto. A mulher normalmente envelhece mais cedo que o homem, e quando ela chega à meia-idade, o marido, por sua vez, está maduro, mas não tão envelhecido quanto ela. E a experiência tem mostrado que é muito mais difícil, mas não impossível, manter a fidelidade conjugal. (3º parágrafo).

A noção de memória discursiva é fundamental para uma leitura dos trechos destacados. Isso porque, na estrutura discursiva do locutor, vemos discursos outros que se relacionam a papéis pré-determinados da mulher como submissa ao homem, e este figurado no lugar-comum

de se submeter sempre a seus apetites sexuais na busca por mulheres sempre jovens. Mantendo a estrutura didática do texto, o locutor, após introduzir o tema, separa sua argumentação em dois itens: o primeiro, relacionado à idade e o segundo, quanto à raça, como veremos a seguir.

Ao tratar da diferença máxima de idade entre os homens em relação às mulheres no momento da escolha de uma esposa, o locutor se utiliza da autoridade/legitimidade de Deus para inculcar ou reforçar no interlocutor o modelo patriarcal como o ideal para a vida, como pretendemos verificar neste momento de nossa análise.

O artigo, que tem início a partir da recomendação de que “O rapaz que deseja fazer a obra de Deus não deve se casar com uma moça que tenha idade superior à dele [...] para não se deixar influenciar por ela” (1º parágrafo), ainda alerta para o fato de que “a diferença [de idade] não deve ultrapassar dois anos” (1º parágrafo). Em primeiro lugar, vale ressaltar a escolha do verbo “dever”, que, embora não esteja no modo imperativo, indica que se trata de uma ordem a ser obedecida por aqueles rapazes que queiram fazer “a obra de Deus”, ou seja, que queiram fazer a vontade de Deus. Sendo assim, o bispo já retira de si a responsabilidade do que é dito e a transfere para uma entidade que possui legitimidade e credibilidade da qual é pressuposto que nenhum fiel seria capaz de duvidar: Deus. Outro trecho que merece destaque nesta análise e que serve de argumento para reforçar a noção de ordem é o seguinte: “[...] temos visto que quando a mulher tem idade superior à do seu marido, ela, que por natureza já tem o instinto de ser ‘mandona’, acaba por se colocar no lugar da mãe do marido” (2º parágrafo). Neste trecho, o locutor naturaliza o ponto de vista apresentado e aquilo que é dito tem a tendência a ser visto como algo natural, “ser ‘mandona’” seria inato à mulher e, portanto, estaria na ordem das coisas, de forma que não deveria ser questionado e não poderia ser mudado.

Nos dois trechos destacados, é possível perceber a presença de uma memória discursiva que resgata a ideia do pecado original, o qual, segundo a Bíblia, ocorreu em decorrência da influência exercida por Eva sobre Adão. Nessa interpretação, Eva, por ser mulher, favoreceria a imagem de que teria sido “mandona”<sup>9</sup>. Sendo assim, Eva teria influenciado Adão a comer do fruto da árvore central do jardim, aquele que havia sido proibido por Deus, influência esta responsável pela produção

---

9 Nesse texto, relacionamos as figuras de “Eva” e de “Adão” a figuras humanas morfológicamente marcadas em “homem” e “mulher” para melhor nos aproximarmos do contexto protestante.

de todo o mal conhecido até hoje e que, portanto, não deveria mais ocorrer novamente através de casamentos realizados entre mulheres mais velhas do que os homens. O locutor finaliza a primeira parte de seu artigo afirmando então que “para evitar este ou outros transtornos, oriundos da diferença de idade (a do marido inferior à da esposa), é preferível que não haja qualquer compromisso de casamento” e que o rapaz deverá “crer que Deus tem reservado para cada servo uma serva, de acordo com as suas aspirações, que por sua vez vão ao encontro das aspirações dela” (4º parágrafo). Sendo assim, seria necessário confiar em Deus para que a vontade de Dele fosse realizada, e não a do pastor que serve de locutor para uma instituição religiosa.

Essa maneira de pensar poderia ser encarada como uma crítica justificada pela fé ao patriarcalismo, sistema no qual as mulheres teriam poder de decisão no casamento, elas seriam o núcleo da casa, o centro. O patriarcalismo, ao contrário, evitaria que a mulher se colocasse “no lugar da mãe do marido”, garantindo que o poder ficasse com os homens e que, portanto, elas se mantivessem na posição de dominadas e submissas. Por tudo isso, é pertinente pensar com Bourdieu (2012) que a religião, compreendida como *sistema simbólico*, cumpre

[...] a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que, contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’. (BOURDIEU, 2012, p.11).

No caso desse objeto de análise, a dominação diz respeito àquela empreendida pelos homens sobre as mulheres, o que é garantido através do *poder simbólico* (BOURDIEU, 2012, p. 14), um “poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força” e que “só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário”. Dessa forma, a arbitrariedade não seria reconhecida devido à naturalização do discurso, como já foi demonstrado.

Michelle Perrot (2007) aponta para uma mudança ou um progresso em relação à situação das mulheres. Segundo a autora:

Efeito da modernidade, provavelmente: os homens desejam ter ‘companheiras inteligentes’. Os Estados almejam mulheres instruídas para a educação básica das crianças. O mercado de trabalho precisa de mulheres qualificadas, principalmente no setor terciário de serviços: correios, datilógrafas, secretárias. (PERROT, 2007, p. 94-95).

Entretanto, apesar do avanço verificado, da conquista por direitos, como o direito ao voto, o direito à proteção pela Lei Maria da Penha, a inserção da mulher no contexto público, ainda existe uma “persistência da repartição dos papéis sexuais no teatro cotidiano” (PERROT, 2007, p.119), ideia amplificada por Bourdieu (2011), ao afirmar que “o trabalho de reprodução (da ordem dos gêneros) esteve garantido até época recente por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola. ” (BOURDIEU, 2011, p.103).

Quanto às instruções contidas no texto em análise relacionadas à questão racial, importa considerar que o racismo não se expressa apenas por manifestações de violência física ou verbal; estudos recentes no campo das relações étnico-raciais têm demonstrado com frequência que a expressão do racismo se modifica com o passar do tempo e pode se manifestar sobre diferentes formas. Nesse sentido, vemos com base em van Dijk (2012) que o discurso racista, dentre outras formas, apresenta estereótipos relativos a determinados grupos, dando ênfase a diferenças culturais e ignorando as semelhanças. Nesse contexto, o racismo está sempre em *outro lugar* e não nos enunciados das “elites simbólicas” — denominação que vai ao encontro da noção de Aparelhos Ideológicos de Estado, em Althusser. Assim, o locutor gerencia uma imagem positiva de si<sup>10</sup> e que *reverte* possíveis culpabilizações por sua postura racista: “*nós* não somos culpados de nenhum ato negativo, *eles* é que o são” (VAN DIJK, 2012, p. 165), como pode ser observado nos trechos abaixo:

[...] Não haveria nenhum problema para o homem de Deus se casar com uma mulher de raça diferente da dele, não fossem os problemas da discriminação que seus filhos poderão enfrentar nas sociedades racistas deste mundo louco (6º parágrafo).

[...] Procuramos alertar sobre esta situação não porque a Igreja Universal do Reino de Deus tenha qualquer objeção quanto ao casamento envolvendo mistura de raça ou cor. Não, muito pelo contrário! (11º parágrafo).

[...] Temos vários homens de Deus casados com mulheres de raças diferentes. Não teríamos absolutamente nada a comentar a este respeito, mas temos visto este tipo de problema acontecendo com as crianças dentro das nossas igrejas, em outros países (12º parágrafo).

É também van Dijk (2012) que aponta para o fato da negação

---

10 Para maiores informações sobre a noção de face cf. Goffman (2002).

do racismo, deflagrada discursivamente. Segundo o autor, a negação do racismo é característica de sua manifestação contemporânea, a exemplo de ressalvas como “não tenho nada contra negros, mas...” (VAN DIJK, 2012, p. 155). No texto em análise, o locutor demonstra essa mesma postura, como demonstrado no trecho do 11º parágrafo, como se o racismo não estivesse no locutor, mas em “outro lugar”. Nos exemplos destacados, ressaltamos que a recomendação ao fiel para se casar com pessoas de mesma raça se relaciona fortemente com o racismo desenvolvido nos Estados Unidos. Já no contexto brasileiro, após a abolição da escravatura em meados do século XIX, o Estado promoveu uma política de branqueamento da população por meio do incentivo à imigração europeia. Ainda que não menos cruel que o norte-americano, o racismo no Brasil foi aclimatado nas bases da chamada *democracia racial*, que define a sociedade brasileira ideologicamente sem barreiras institucionais de racismo.

Já nos Estados Unidos, nação que tem forte tradição protestante, as relações raciais tiveram influência de políticas segregacionistas, especialmente nos estados do sul do país, que mantinham brancos e negros separados por força de lei (Leis de Jim Crow). Em momentos atuais, o país ainda mantém, mesmo que menos intensamente, um olhar negativo para o casamento interracial em comunidades evangélicas. Em 2011, o estado do Kentucky decidiu não aceitar casais interraciais como membros; já em 2012, uma igreja no Mississippi disse não poder celebrar o casamento entre uma mulher branca e um homem negro. Ao considerarmos que a IURD possui unidades em todo o mundo, inclusive nos Estados Unidos, e que missões são feitas em outros países, o locutor parece tentar se adequar à lógica mantida por determinadas instituições evangélicas fora do Brasil. Segundo Charão (2002), o chamado “protestantismo de missão” tem grande influência norte-americana e chega ao Brasil na segunda metade do século XIX, influenciado pelo projeto civilizatório estadunidense. Ainda segundo Charão (2002, p. 8),

É justamente nesse período, que diferentes teorias racistas, afirmando a superioridade da raça branca encontram-se em voga na América do Norte, na Europa, mas também entre as elites brasileiras. Ora, a consequência disto, é que muitos missionários enviados ao Brasil, irão considerar-se cultural e etnicamente superiores aos brasileiros e ainda mais em relação aos negr@s [sic]. Daí, ao menos em parte, encontra-se um a explicação para o racismo presente em igrejas oriundas do protestantismo de missão.

Entretanto, o autor acrescenta que essa característica não esteve vinculada apenas ao protestantismo de missão, mas também naquelas que ele chama “protestantismo de imigração”. Segundo Charão (2002), quando foi iniciado o processo de institucionalização desse protestantismo de imigração no Brasil, houve a defesa de uma exclusividade étnica. Assim:

À igreja, não cabia pregar o Evangelho apenas, mas pregar o Evangelho, garantindo a preservação, ou melhor, a criação de uma identidade étnica entre os protestantes germânicos para cá em imigrados (CHARÃO, 2002, p. 8).

O autor chama a atenção para o fato de que as posturas racistas que alguns segmentos protestantes assumiram não eliminou a presença de negros nesse círculo. Entretanto, no processo de aclimatação dessa religião no Brasil, o negro foi invisibilizado. Em outras palavras, “estavam ali, mas era como se não estivessem” (CHARÃO, 2002, p. 9). Para esse autor, esse processo é refletido na história do protestantismo brasileiro, seja no silenciamento da instituição em relação à escravidão, seja sobre o relacionamento entre brancos e negros. Charão (2002) afirma ainda que dispomos de poucos estudos sobre protestantismo e escravidão. Segundo o autor, o estudo das relações do protestantismo com a escravidão seria fundamental para a compreensão das relações do segmento protestante com a comunidade negra. Dessa forma, julgamos essa ausência um elemento intensificador na reprodução de posturas racistas e interpretações do texto bíblico que possam colocar o negro em um espaço de inferioridade. Entretanto, especificamente no caso do texto em análise, o racismo e o preconceito em relação à mulher negra é ainda mais central, dado que elas normalmente são as preteridas nas escolhas matrimoniais. No caso do texto de Macedo (2012), essa relação se faz ainda mais clara pela determinação do locutor como sendo do sexo masculino “o rapaz que deseja fazer a obra de Deus” (1º parágrafo). A recomendação de que o homem não deve se casar com uma mulher de características étnico-raciais distintas da dele (e não ambos os sexos) é explicitada ainda em outros trechos: “O homem de Deus não pode simplesmente dizer: “‘Ela tem o Espírito de Deus e eu também. Nós nos amamos e vamos nos casar’. Não! Não deve ser apenas isto!” (10º parágrafo).

Ainda que o texto de Macedo não mencione que o “homem de Deus” não deve se casar com uma mulher negra, especificamente, a memória discursiva relacionada ao histórico do racismo faz com que

essa associação seja inevitável. Ademais, a questão da solidão da mulher negra em relacionamentos amorosos, dada a sua expressividade, tem se tornado tema de pesquisas como a desenvolvida por Alves (2011) no livro intitulado “Virou regra?”. Nessa obra, é possível encontrar um estudo da área das Ciências Sociais sobre uma “desvantagem” da mulher negra na preferência para relacionamentos e as igrejas foram um dos locais utilizados por Alves (2011) para desenvolver sua pesquisa. Nesse sentido, as nossas preferências e gostos também são influenciadas por imagens de revista, televisão e, também, por comportamentos sugeridos em instituições religiosas.

Outra questão de análise que levantamos diz respeito ao fomento de um efeito de sentido que suscita o sentimento de medo naquele que pretende ser um “homem de Deus” e que possua a ideia de desposar uma mulher de característica étnico-racial distinta da sua, o que é verificado por meio da incompreensão que o casal pode encarar em missões no exterior. O medo ou a ameaça fica mais patente levando-se em conta que a realização de missões é tarefa de grande importância para os seguidores do protestantismo:

“O homem de Deus precisa estar sempre preparado para servir a Deus onde quer que Ele assim determine, e, assim, *nem sempre estará em um país onde não haja esse tipo de situação.*” (9º parágrafo, grifo nosso).

“Ele tem o futuro totalmente comprometido com uma missão de extrema importância, e não pode ser limitado. É preciso que haja uma avaliação esmerada quanto aos passos no presente.” (10º parágrafo).

O medo também é evocado a partir da imagem da criança, que instaura uma visada discursiva de afetuosidade. Nesse sentido, seria possível extrair um sentido de que os filhos de um casal interracial poderiam sofrer racismo em outros países devido à união “indevida”, suscitando preocupação no interlocutor:

“Não teríamos absolutamente nada a comentar a este respeito, mas temos visto este tipo de problema acontecendo com as crianças dentro das nossas igrejas, em outros países. ” (12º parágrafo).

Com base no exposto, concordamos com Orlandi (2013) que postula o fato de que “a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se)

diz” (p. 53-54). Vemos mais uma vez que é pela memória discursiva que o dizer se estabelece em formulações “já-ditas”, porém esquecidas, oferecendo-nos a ilusão de que somos a origem do que dizemos.

### Considerações finais

A partir da breve análise realizada, foi possível traçar considerações sobre uma função da Igreja como Aparelho Ideológico do Estado, AIE (ALTHUSSER, 1996). Nessa perspectiva, a instituição religiosa atuaria no sentido de manter uma determinada eternização das estruturas de dominação, fazendo com que os sujeitos dominados não reflitam sobre essas estruturas e sobre a dominação em um nível profundo, de maneira a garantir uma naturalização de posturas ao longo da história. Nesse sentido, para finalizar nossas reflexões, ainda é relevante retomar o conceito de *habitus*, proposto por Pierre Bourdieu, o qual pode ser compreendido como um:

[...] sistema das disposições socialmente construídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. (BOURDIEU, 2011, p. 192).

Sendo assim, cada grupo de agentes atuaria conforme determinada perspectiva ideológica, garantindo a estabilidade social e cultural da dominação da qual fazem parte. Levando-se em conta os grupos estudados em nosso *corpus* (as mulheres, de modo geral, e as mulheres negras, especificamente), o discurso em análise demonstra esperar que as mulheres assumam o comportamento de submissão em relação ao homem de Deus, que escolhe sua esposa. Vemos, portanto, que este conceito vai ao encontro da noção de memória discursiva para a Análise do Discurso, uma vez que o *habitus* caracteriza-se por um sistema que é consagrado no passado, mas que orienta ações no presente.

A elaboração deste artigo se deu devido à necessidade de pensar as relações de gênero atreladas às problemáticas raciais e a importância do discurso religioso em foco para a manutenção de certas situações de desigualdade e de dominação, a partir da perspectiva de que é o discurso uma das formas de materialização da ideologia. Cabe ressaltar, enfim, que as considerações apresentadas não se prestam a uma crítica a determinado segmento religioso. Antes sim, existe a intenção

de provocar uma reflexão nos leitores a respeito das estruturas que regem o mundo, e de modo mais específico, refletir sobre a função/interferência da Igreja como instituição ideológica na sociedade. Por essa razão, concordamos com Orlandi (2013) sobre a posição de ciência da Análise do Discurso, nossa ferramenta de análise do *corpus*:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (p. 15)

Dessa forma, concordamos ainda com Chouliaraki e Fairclough, estudiosos da vertente crítica da Análise do Discurso, ao asseverarem que “questões sociais são, em parte, questões de discurso”. (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 7). Assim, esse trabalho teve como motivação trazer um debate sobre a dimensão do simbólico que permeia a linguagem em seu uso cotidiano por sujeitos históricos.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj. **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 105-142, 1996.
- ALVES, Claudete. **Virou regra?** São Paulo: SCORTECCI EDITORA, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- CHARÃO, R. B. Negros e protestantismo no Brasil: alguns apontamentos. **Identidade!** São Leopoldo/RS, v. 03, n.01 e 02, p. 07-12, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2291/2186>>. Acesso em: 16 nov. 2014.
- CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinbourg: Edinbourg University, 1999.

FERRARI, Odêmio Antonio. **Bispo S/A – A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder**. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>>. Acesso em: 05 Nov. 2014.

MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

NOTÍCIAS GOSPEL. **Bispo Edir Macedo afirma que não é recomendado se casar com pessoas de “raças diferentes” ou mulheres mais velhas**. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/bispo-macedo-homens-casar-mulheres-raca-diferente-39342.html>>. Acesso em 05 Nov. 2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres**. 1. ed. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTO, Moisés Espírito. **A religião na mudança**: A Nova Era. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2002.

UNIVERSAL. **Em que cremos**. Disponível em: <<http://www.universal.org/institucional/emquecremos.html>>. Acesso em: 16 Nov. 2014

VAN DIJK, Teun A. Discurso e racismo. In: VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

Recebido em: 19 de jan. de 2017.

Aceito em: 24 de ago. de 2017.

## **ANEXO**

### **Homem de Deus quanto à idade e à raça**

O rapaz que deseja fazer a Obra de Deus não deve se casar com uma moça que tenha idade superior à dele, salvo algumas exceções, como por exemplo aquele que é suficientemente maduro e experiente na vida para não se deixar influenciar por ela. Mesmo assim, a diferença não deve ultrapassar dois anos.

Muitas pessoas não gostam quando fazemos estas colocações; entretanto, temos visto que quando a mulher tem idade superior à do seu marido, ela, que por natureza já tem o instinto de ser ‘mandona’, acaba por se colocar no lugar da mãe do marido.

E o pior não é isto. A mulher normalmente envelhece mais cedo que o homem, e quando ela chega à meia-idade, o marido, por sua vez, está maduro mas não tão envelhecido quanto ela. E a experiência tem mostrado que é muito mais difícil, mas não impossível, manter a fidelidade conjugal.

Para evitar este ou outros transtornos, oriundos da diferença de idade (a do marido inferior à da esposa), é preferível que não haja qualquer compromisso de casamento. Devemos crer que Deus tem reservado para cada servo uma serva, de acordo com as suas aspirações, que por sua vez vão ao encontro das aspirações dela.

Por esta razão, não é bom que o rapaz se afobe e se case com a primeira que aparecer, só porque quer fazer a Obra de Deus e precisa de uma esposa. Não! Se ele não confia que Deus irá lhe suprir com a sua outra metade, como vai confiar que Ele fará a Sua Obra por seu intermédio?

### **Quanto à raça**

Não haveria nenhum problema para o homem de Deus se casar com uma mulher de raça diferente da dele, não fossem os problemas da discriminação que seus filhos poderão enfrentar nas sociedades racistas deste mundo louco.

É preciso que ambos estejam conscientes quanto aos riscos de traumas ou complexos que as crianças poderão absorver durante os períodos escolares, e, a partir daí, carregarem-nos por toda a vida.

Infelizmente, os pais não terão como evitar que aconteçam

rejeições ou críticas por parte dos coleguinhas nas escolas nos países onde eles poderão estar pregando o Evangelho.

O homem de Deus precisa estar sempre preparado para servir a Deus onde quer que Ele assim determine, e, assim, nem sempre estará em um país onde não haja esse tipo de situação. Portanto, é necessário que o casal examine também esta questão, antes de qualquer compromisso mais sério.

O homem de Deus não pode simplesmente dizer: “Ela tem o Espírito de Deus e eu também. Nós nos amamos e vamos nos casar”. Não! Não deve ser apenas isto! Ele tem o futuro totalmente comprometido com uma missão de extrema importância, e não pode ser limitado. É preciso que haja uma avaliação esmerada quanto aos passos no presente.

Procuramos alertar sobre esta situação não porque a Igreja Universal do Reino de Deus tenha qualquer objeção quanto ao casamento envolvendo mistura de raça ou cor. Não, muito pelo contrário!

Temos vários homens de Deus casados com mulheres de raças diferentes. Não teríamos absolutamente nada a comentar a este respeito, mas temos visto este tipo de problema acontecendo com as crianças dentro das nossas igrejas, em outros países.

Procuramos, portanto, trazer à baila esta situação a fim de evitarmos transtornos no futuro do homem de Deus e na obra que está reservada para ele.